

#### 4. Mediação cultural e práticas educativas: ressignificação das bibliotecas na contemporaneidade

Luciana Tavares Dias, Edmir Perrotti

O presente projeto busca problematizar as aproximações feitas pelas bibliotecas ao modelo adotado pelas livrarias, a partir do exame das singularidades próprias a cada instituição. Tendo por objetivo contribuir para a construção de referências conceituais e metodológicas necessárias aos processos de renovação e redefinição das bibliotecas – tendo vista a demanda pela ampliação de novos públicos – buscaremos discutir as relações entre cultura e mercado, espaço público e cidadania e as dimensões educativa e formativa da biblioteca no processo de mediação cultural. Para contribuir com a discussão proposta, realizamos uma pesquisa de campo em uma biblioteca de Paraisópolis que desenvolve um trabalho singular, no limiar entre educação e cultura, contrariando, assim, o modelo de difusão cultural empregado nas livrarias, fundamentado no marketing cultural e na política de oferta.

Bibliotecas Públicas. Livrarias. Cultura e mercado. Mediação Cultural. Espaço Público

#### Introdução

Tem se tornado recorrente, tanto na mídia como em reuniões intelectuais onde são tratadas questões relevantes referentes à leitura e à formação de leitores, referir-se às chamadas livrarias *megastores* como referência à renovação de bibliotecas no país. Valendo-se de retórica análoga, tal discurso fundamenta-se em semelhanças existentes entre as duas instituições, já que ambas tratam de livros, leitores, e outras questões interligadas e próprias da cultura escrita.

Como é inerente às analogias, diferenças fundamentais existentes entre livrarias e bibliotecas desaparecem sob tal discurso. Sem subestimar, portanto, o valor sociocultural das referidas livrarias, é legítimo, contudo, refletir e questionar as colocações feitas no sentido de subordinar a transformação das bibliotecas aos mesmos princípios que vêm pautando a transformação das livrarias.

Como o próprio nome diz, as livrarias *megastores* contemporâneas caracterizam-se como grandes superfícies destinadas ao comércio de livros. Dada sua amplitude, são capazes de reunir no mesmo espaço atividades diversas, que se somam, sem, no entanto, poderem ultrapassar, sua finalidade comercial última de compra e venda. Daí apresentarem-se como verdadeiros “empórios culturais” vivos e dinâmicos, com múltiplos eventos culturais, como palestras, conferências, lançamentos concorridos, muitos deles com celebridades da mídia, peças teatrais, exibição de filmes etc.

Da mesma forma, é comum encontrar aí generosos e confortáveis espaços de convivência, sejam eles para trocas entre frequentadores, sejam de consumo alimentar, como cafeterias, lanchonetes, em torno dos quais se desenvolvem sociabilidades de variados tipos, como de resto sempre foi próprio de várias e importantes livrarias no Brasil e no exterior.

Sem subestimar, portanto, o valor sociocultural das referidas livrarias, é legítimo, contudo, refletir e questionar as colocações feitas no sentido de subordinar a transformação das bibliotecas aos mesmos princípios que vêm pautando a transformação das livrarias.

Nesse sentido, ainda que possam conviver de forma salutar, comércio e cultura são categorias que jamais se reduzem completamente uma à outra, pois possuem objetivos que lhes são próprios e distintos, ainda que, nos tempos atuais, mercado e cultura estejam extremamente próximas.

Tentar buscar quem influenciou quem, a biblioteca à livraria ou a livraria, à biblioteca, é não só inviável, como também inútil. Não é inútil, todavia, em tempos de hibridizações variadas, refletir sobre possibilidades ou não de fusão dos dois dispositivos culturais, destinados à disponibilização de livros e outros materiais culturais? Além das aparências que possam eventualmente aproximá-los, parece haver distinções importantes que caracterizariam cada um deles, seus papéis, objetivos, processos.

## **Objetivos**

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para a construção de referências conceituais e metodológicas necessárias a processos de renovação e redefinição das bibliotecas, tendo vista a demanda pela ampliação de novos públicos. Para tanto, discute aproximações feitas entre bibliotecas e livrarias, a partir do exame de singularidades próprias a cada instituição. Nessa perspectiva buscaremos discutir as relações entre cultura e mercado, espaço público e cidadania e as dimensões educativa e formativa da biblioteca no processo de mediação cultural. Para contribuir com a discussão proposta, realizamos uma pesquisa de campo em uma biblioteca de Paraisópolis que desenvolve um trabalho singular, no limiar entre educação e cultura, contrariando, assim, o modelo da difusão cultural empregado nas livrarias, fundamentado no marketing cultural e na política de oferta.

## **Justificativa**

Tais questionamentos surgiram no momento em que uma inquietação tomava conta da pesquisadora, estimulando seu desejo em compreender o motivo pelo qual várias bibliotecas apresentam um baixo número de frequentadores, mesmo com os esforços no que tange estratégias de mediação de leitura e eventos literários na cidade de São Paulo. Tal inquietação foi intensificada em um Seminário de Bibliotecas Públicas, em 2009, com o pronunciamento de uma autoridade da Secretária Estadual de Cultura em que, anunciando a inauguração da

Biblioteca de São de Paulo afirmou tratar-se de uma biblioteca diferente das outras com um projeto que tinha “mais cara” de livraria do que de biblioteca e que, por sua vez, “cutucou” a todos no sentido de abrir o debate sobre a resignificação da biblioteca pública.

Desse modo, abre-se para a discussão: teriam ou poderiam as livrarias assumir o papel das bibliotecas? A sobrevivência das bibliotecas estaria condicionada à copia dos modelos de animação cultural das livrarias? Diferenças históricas entre as instituições deveram-se somente a motivos circunstanciais? Ou questões de outra natureza estão implicadas?

Em primeiro lugar, é pertinente interrogar-se sobre a efetiva possibilidade de absorção pelo “modelo livraria” de importantes distinções que singularizam o “modelo biblioteca”. Se, em aparência, uma *megastore* compartilha desenhos e elementos não só com as bibliotecas, mas especialmente com as midiatecas contemporâneas, as distinções não se referem apenas aos aspectos econômicos mais visíveis de compra e venda, mas a lógicas e intencionalidades distintas, embora ambas instituições estejam inscritas em territórios culturais.

### **Procedimentos metodológicos**

A escolha em realizar a pesquisa de campo na Estação do Conhecimento do Programa Einstein em Paraisópolis deveu-se ao fato de ela não se tratar de um modelo de biblioteca convencional, nem de uma biblioteca baseada em um modelo de livraria. Assim, a ECE foi desenvolvida a partir do conceito norteador para a construção de espaços de aprendizagem e de

criação de bens simbólicos em uma perspectiva dialógica de construção de conhecimentos.

A pesquisa foi realizada durante o período de 29 de outubro a 09 de dezembro de 2013, às segundas-feiras (das 09h15 às 16h30) e às terças-feiras (das 09h45 às 11h30). Nesse período acompanhamos quatro grupos: um de 6 a 9 anos; dois com idades de 9 a 11 anos; e um de 11 a 15 anos, todos participantes do projeto Educação Cidadã. Entre os atendimentos aos grupos, também foi possível observar o atendimento dado à comunidade, a partir da utilização espontânea do público.

Nossas observações centraram-se em perceber como as estratégias de mediação cultural são recebidas e interpretadas pelas crianças e jovens do espaço de leitura, buscando assim, compreender as relações entre cultura e mercado, espaço público e cidadania e as dimensões educativa e formativa da biblioteca nos processos de mediação cultural.

Este projeto está inscrito em uma abordagem transdisciplinar e de natureza qualitativa, e caracteriza-se pelo caráter exploratório dentro da perspectiva etnográfica. Desse modo, a pesquisa seguiu os seguintes eixos para sua estruturação:

- Revisão de Literatura, a fim de estruturar arcabouço de conceitos relativos ao tema;
- Pesquisa de campo desenvolvida em um Dispositivo Informacional Dialógico, a Estação do Conhecimento Einstein Paraisópolis;

- Observação e seleção de um corpus específico: Programa Aprendendo à aprender, fluxo espontâneo de frequentadores do equipamento e aplicação dos jogos.
- Coleta e análise dos sujeitos, no contexto.

Os dados da pesquisa foram colhidos por meio de observação dos grupos em suas atividades propostas na Estação do Conhecimento durante o período que estivemos em campo. Essas observações foram registradas em um caderno de bordo pela pesquisadora durante sua permanência na ECE e também no percurso realizado para chegar ao local. Somente as entrevistas realizadas com sete crianças foram gravadas em áudio.

## Fundamentação

No que tange às bibliotecas, Perrotti e Pieruccini referem-se a três diferentes momentos históricos ou marcos paradigmáticos em sua trajetória. O primeiro deles refere-se ao *paradigma da conservação*, que remete ao período das bibliotecas da Antiguidade e Medievais, quando a principal função das bibliotecas é a conservação das obras, do patrimônio cultural escrito. O segundo momento, inicia-se na Idade Moderna, no período da ampliação dos equipamentos, quando vamos assistir ao desenvolvimento do *paradigma da difusão cultural*. Segundo esta perspectiva, a biblioteca passa a ser pensada, não só com as finalidades de conservação do patrimônio escrito, mas sobretudo como instituição destinada à sua difusão. Por fim, teríamos na contemporaneidade demandas de um novo paradigma dados os limites dos precedentes para responder a demandas próprias em

nossa época. Trata-se do paradigma da *apropriação cultural* em que a biblioteca é concebida como um espaço em que o sujeito não apenas assimila, mas se apropria da cultura (PERROTTI; PIERUCCINI, 2008).

Nesse sentido, a biblioteca passa a ter que reorganizar seus processos em todos os níveis, já que não se trata mais de apenas ofertar, dar acesso aos bens culturais, transmitir repertórios, mas de mediá-los, de reconhecê-los, de atuar no sentido de que eles não só circulem, mas sejam apropriados por públicos diferentes, heterogêneos e em busca não somente de informações, mas sobretudo de expressão e afirmação cultural.

Se o paradigma da apropriação cultural é exigência especialmente dos novos públicos que passam, na contemporaneidade, a ter acesso às bibliotecas, o que temos observado, por outro lado, é que as bibliotecas não superaram o paradigma da difusão cultural, a que se submeteram nos chamados *tempos modernos* que sucederam a Idade Média, continuando, em sua maioria, a operar ainda segundo uma perspectiva patrimonialista ou difusionista que coloca em primeiro plano os acervos, os bens culturais, seja para conservá-los ou divulgar conteúdos, que devem ser *assimilados* e não *apropriados* pelos sujeitos.

É importante destacar que as livrarias *megastores*, por suas próprias condições, apresentam uma tendência a incorporar estratégias de *marketing* cultural inovadores, para ampliar a difusão de seus produtos junto a seu público consumidor. Sendo assim, mesmo margeando obrigatoriamente questões culturais, trata-se de estratégias mercadológicas, vale dizer de finalidades econômicas regendo a ecologia simbólica, própria dos

repertórios culturais. Talvez seja possível dizer que livrarias oferecem livros e outros objetos culturais; bibliotecas oferecem repertórios.

Desse modo, é interessante pensarmos no sentido profundo dos vários discursos que conferem às novas concepções de livrarias, papel de referência para a renovação das bibliotecas, uma vez que não se trata simplesmente da desconstrução de um discurso, mas da construção de referências teóricas e metodológicas para a definição e organização da vida sociocultural.

### **Resultados esperados**

Espera-se com esse projeto contribuir para a ressignificação das bibliotecas públicas na contemporaneidade chamando a atenção para as práticas educativas e culturais que se constituem dialógicas com os contextos se inserem. Para tanto serão discutidos resultados coletados no objeto empírico a partir de uma proposta pedagógica singular, no limiar entre educação e cultura, contrariando, assim, o modelo da difusão cultural empregado nas livrarias, fundamentado no marketing cultural e na política de oferta.

### **Considerações preliminares**

Durante nossa permanência em campo, pudemos observar que o principal diferencial da Estação do Conhecimento não está em seus equipamentos eletrônicos ou elementos de decoração, mas sim na ação educativa que é

desenvolvida continuamente junto aos seus frequentadores. A proximidade com que as educadoras trabalham junto à comunidade, com as crianças e pais, além da atenção que é dada a cada pessoa, apresenta-se como um estímulo e, ao mesmo tempo, desafio para políticas de promoção de leitura em bibliotecas públicas.

Essa proposta educativa está presente no trabalho de mediação das educadoras com a comunidade. Desse modo é possível observar o intenso trabalho de conversa, argumentação e negociação que as educadoras estabelecem os jovens e crianças durante as atividades. Dentro dessa perspectiva da mediação cultural, Oliveira (2014) defende o conceito da negociação “como valor em si” contrapondo-se a ideia instrumental da negociação em que, por meio de um acordo, uma das partes alcance seu objetivo. Para a autora a negociação deve ser entendida como um valor em si “focada na soma resultante dessa transação entre as duas partes... construído pelo diálogo e pela cooperação” (OLIVEIRA, 2014, p. 131). Desse modo, a mediação cultural assim compreendida “é possibilidade de encontros sempre renovados consigo mesmo e com o outro, de construção de identidades e alteridades, de singularidades e pluralidades” (OLIVEIRA, 2014, p.82).

Tais premissas observadas no trabalho das educadoras da Estação do Conhecimento, estão calçadas na ideia de dialogia, proposta por Bahktin e que Pieruccini (2004) valeu-se do conceito para defender a ideia de criação de dispositivos informacionais, constituídos a partir da ordem informacional dialógica, em oposição à monológica.

Assim, Pieruccini contesta a ordem monológica presente em bibliotecas, onde há um caráter autoritário implícito e uma distinção nítida “entre quem fala e quem apenas ouve, quem manda e quem obedece, quem define as regras e que as apenas deve aceitar” (PIERUCCINI, 2004, p. 58). Desse modo, essas três categorias: conversar, argumentar e negociar destacam-se como um modo de se relacionar em um espaço educativo a partir de uma proposta dialógica da informação que visam a construção de sujeitos, de conhecimento e de cultura. (PIERUCCINI, 2004).

Essa proposta dialógica de interação está presente no intenso trabalho de mediação realizado pelas educadoras. Fato observado pela pesquisadora, durante as visitas, e também destacado pelos jovens, durante a avaliação realizada pela coordenadora pedagógica, sobre o aproveitamento dos grupos nas atividades desenvolvidas na Estação do Conhecimento.

## Principais referências

OLIVEIRA, Amanda Leal de. **A negociação cultural: um novo paradigma para a mediação e a apropriação da cultura escrita.** 2014. 249 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G, FUJINO, A. NORONHA, D.P. (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas.** Recife: Néctar, 2008. p.46-97

PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca da informação em educação.** Tese de Doutorado. 2004.